

UBIRATAN JARDSON DOS MONTES

**O PADRE E O
COMPADRE**

- 2017 -

Esta é uma obra de ficção. Os eventos e personagens aqui descritos são imaginários e os lugares onde se passa a história, não é nenhum, especificamente. As opiniões aqui expressadas são de responsabilidade exclusiva do autor e qualquer semelhança com alguém ou com algum fato, será mera coincidência.

Dedico esta humilde obra a todos aqueles que sofrem a violência da injustiça e não têm força para reagir. Quero que essas pessoas acreditem que a vida é muito maior do que pensam aqueles que são os agentes de tal violência.

O PADRE E O COMPADRE

O Rio de Janeiro é uma cidade recheada de favelas violentas e miseráveis, mas isso não pode ser dito desta maneira, assim, tão clara. Não, realmente não, porque quem disser a verdade dessa maneira pode ser enquadrado na lei do preconceito. O Governo encontrou uma maneira de resolver o problema da imagem da cidade que é mais barata do que investir em infra-estrutura nos bairros pobres, e essa maneira mais barata é tapar o sol com a peneira usando o termo demagógico “comunidade”, ao invés de favela.

Em sendo assim e para não incorrer em nenhum crime de preconceito, vamos reiniciar a nossa história em outros termos...

O Rio de Janeiro é uma cidade onde existem “algumas” comunidades carentes e o caso ao qual nos referiremos a seguir, aconteceu em uma dessas comunidades, que é conhecida como Morro do Carrapato.

Lá, no Morro do Carrapato, vivia um marginal da pior espécie, conhecido por Negão Maluco e esse sujeito era o chefe de um bando de vagabundos, tão ruins quanto ele. As barbaridades que essa gente praticava contra a comunidade eram o tipo de coisa que se tornou tão corriqueira no Rio, a ponto de serem tratadas pelas autoridades como estatísticas.

Teoricamente as estatísticas são um conjunto de dados que ajudam as autoridades a resolver o problema, mas que na prática são apenas estatísticas e o Negão Maluco, no frígido dos ovos, fazia o que bem entendia e tinha a certeza de que mesmo que fosse preso, não ficaria na cadeia por mais do que alguns anos. Assim, o crime compensava...

O Negão Maluco tinha uma mania que horrorizava a comunidade, que ficava impotente perante a sua força e de seus capangas. Ele tinha o hábito de ser o primeiro homem das mocinhas virgens da comunidade e que começavam a se tornar adultas. Ele assistiu, em uma ocasião, um filme sobre Nero o rei de Roma, onde o Imperador se atribuía o direito de desvirginar as mulheres recém casadas de sua corte, porque ele era um

semideus e assim estaria honrando o casal de recém casados com o seu sémem divino.

Ocorre que o Negão observou que as meninas da comunidade, quando se casavam, já não eram mais virgens. Assim ele resolveu fazer o “serviço” logo que elas se tornassem mocinhas, a fim de ser realmente o primeiro.

Não é preciso ser muito criativo para imaginar o tamanho do sofrimento que era imposto às famílias, por conta desse monstro e de seus asseclas, os quais costumavam se deliciar com as meninas, após essas terem sido desvirginadas pelo Negão.

Um belo dia, ou melhor, uma bela noite e cedo ainda, por volta de seis e meia, os asseclas do Negão entraram em um bar da comunidade. O coração do seu Alfredo, o dono do bar, congelou imediatamente...

O seu Alfredo tinha uma filha que estava completando quatorze anos e por isso o seu coração congelou.

Os bandidos se aproximaram do balcão e pediram cerveja. O pobre pai sabia que isso era o preâmbulo da tragédia e que a bebedeira era parte de uma festa, onde a sua

querida filha seria a convidada de honra. A bebida foi servida e os bandidos beberam a primeira rodada e pediram outra... E outra... E outra...

Lá pelas dez da noite eles já se encontravam bastante embriagados, quando entrou no bar um estranho que causou espanto, pois ninguém entra em uma favela carioca uma hora dessas. O homem era branco, o que destoava do comum e por isso chamava muito atenção; vestia-se de maneira simples e usava um chapeuzinho simplesmente ridículo...

- Coitado. Vai entrar na porrada, aqui mesmo! – Pensou o seu Alfredo.

- Uma cerveja, por favor. – Pediu o estranho.

Seu Alfredo serviu o homem, enquanto olhava de canto de olho para os bandidos esperando que eles, a qualquer momento, comessem a espancar o estranho. Após servir a cerveja ao visitante, seu Alfredo voltou para o fogão, onde estava fritando batatas, para tira gosto, em uma grande panela de alumínio.

Os bandidos conversaram entre si e decidiram trucidar o estranho assim que ele terminasse a sua cerveja e o estranho, por sua vez, como se estivesse alheio a tudo, calmamente pediu ao seu Alfredo que lhe servisse um tira gosto.

- A batata ainda não está pronta... –
Respondeu o barman.

- Mas o meu tira gosto está bem no ponto... – insistiu o estranho, apontando para o óleo fervente da panela - ...Me dá um copo disso.

Seu Alfredo apavorado por achar que o homem seria um louco, pegou no armário uma caneca com alça e, com muito cuidado, colocou o óleo fervente até a metade e entregou ao suposto maluco, enquanto que os bandidos pararam de beber para observar aquela cena inusitada.

O estranho calmamente e demonstrando gostar muito de óleo fervente, esvaziou a caneca de uma só vez e pediu mais.

Ficaram todos petrificados e o homem insistiu:

- Me faça o favor de encher a caneca, que desta vez é para dois!

- Para dois? – Pensou o seu Alfredo – Deus do céu, quem será o outro doido?

Como se estivesse pisando em ovos de tanto medo que sentia, o barman encheu a caneca de óleo fervente e entregou ao estranho.

- Alguém me acompanha? – Perguntou o estranho ao grupo de bandidos, que pareciam estátuas de olhos esbugalhados.

Como ninguém respondesse, o estranho insistiu.

- Eu perguntei se alguém me acompanha e não gosto de falar para as paredes!

- Quem será esse demônio? – Pensou um dos bandidos, conhecido por Zarôlho.

- Já que o senhor quer saber seu Zarôlho, eu respondo... – disse o visitante - ... O meu nome é Compadre.

O Zarôlho quase desmaiou de susto ao perceber que o tal do Compadre tinha lido a sua mente.

- Zarôlho – Continuou o Compadre – Já que você foi o único que conseguiu pelo menos pensar alguma coisa, venha pra cá e me acompanhe no meu aperitivo.

O Compadre bebeu o óleo fervente até a metade da caneca e ofereceu a outra metade para o Zarôlho que, como se fora um autômato e obedecendo a uma força descomunal, bebeu o restante do conteúdo da caneca.

Assim que sorveu o primeiro gole, o Zarôlho já começou a passar mal, mas não conseguia parar. Após alguns minutos de terríveis sofrimentos, o bandido morreu como um cão danado.

O Compadre passou calmamente por cima do cadáver no chão e se dirigiu a uma das mesas do bar e, após se acomodar, fez um sinal para que os bandidos se aproximassem. Os homens se aproximaram tão apavorados que não foram capazes sequer, de puxar uma arma para atirar no Compadre.